

ENTREVISTA

“ESPAÇOS CORPORAIS”: um diálogo entre a História e a Literatura

Isabela Figueiredo

Entrevista cedida a Equipe Editorial da Revista Espacialidades –
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Revista Espacialidades: Prezada Isabela Figueiredo, gostaríamos de agradecer a sua disponibilidade e prontidão em colaborar com o atual dossiê da Revista Espacialidades. Com uma extensa carreira onde suas obras mesclam memória, identidade e sensibilidade nas quais renderam grandes obras de referência como *Memórias de Cadernos Coloniais* e *A Gorda*. Pensando em suas experiências como escritora, gostaríamos que a senhora comentasse um pouco sobre como o espaço literário em suas obras se cruza com as suas memórias e quais os autores que contribuíram para sua escrita?

Isabela Figueiredo: Não é possível responder a essa pergunta como gostariam. Todos os autores que li, os bons e os maus, contribuíram para a minha escrita. Não sei se Dostoievski foi mais importante do que os livros de quadrinhos. Todas as leituras que me atravessaram, me prenderam acabaram formando-me. Recuso fazer uma distinção entre alta e baixa cultura, própria deste tipo de questões e repostas. Tudo foi e é importante. A minha obra está muito marcada pela minha vivência. Cada artista é o resultado das experiências que viveu, o que se refletirá no seu trabalho. Na minha vida há uma relação inicial com África que é impossível ignorar. Esse espaço muito vasto, de enorme liberdade, mas aprisionado politicamente reverbera na minha memória constantemente.

Revista Espacialidades: A edição nº 17.2 da Revista Espacialidade, traz a público o Dossiê Temático “Corpos negros e espaços: Luta e

representatividade”, entendendo que é por meio da literatura, artes visuais, filmes, músicas que adentramos ao mundo das sensibilidades. É nesse espaço narrativo que conhecemos os sujeitos, seus rostos, suas carnes que fazem/fizeram parte de um determinado contexto histórico. Dessa forma, como suas escritas refletem a construção de um espaço social que retrata de forma explícita a realidade vivida pelos negros e também por você, além dos conflitos sociais internos com os colonizadores?

Isabela Figueiredo: No Caderno de Memórias Coloniais, o olhar da criança, os pensamentos das crianças são cruciais para preencher esse espaço social. Ela nada sabe de política, não olha para a realidade dessa forma. O que ela sabe sobre relações sociais e humanas são apenas princípios morais universais, como o dever de interajuda, de dignidade e respeito. A criança percebe um espaço social que carece dessa interajuda, dignidade e respeito para um grupo de pessoas com os quais ela é empática. Não existe justiça nem igualdade nessa sociedade. Mas o que valida toda a história, a meu ver, é o olhar impoluto da criança que recai impiedoso sobre as incoerências da sociedade colonial e jamais a aceita ou perdoa.

Revista Espacialidades: Pensando ainda na sua escrita, sabemos que suas problemáticas giram em torno das questões de poder colonial, gênero, identidade, racial e social têm sido temáticas de grande interesse. Qual desses você mais se interessa? E quais os motivos que te levam a trabalhar com essas temáticas que faz da sua escrita tão particular e necessária?

Isabela Figueiredo: Interesse-me por feridas abertas, interesse-me por tudo aquilo que se esconde, mas não escrevo pensando que estou a tratar um tema. Não penso que vou escrever sobre poder colonial ou gênero. O meu processo é muito livre e eu gosto que seja assim. Não desenho um esquema, não faço um plano, eu sigo a minha necessidade de expressão. Escrevo e os temas vão-se revelando. Só quando me aproximo do final – e o final também se impõe, não sou eu que o decido – começo a entender o caminho que tomei. Só depois de o livro ser publicado

começo a abarcar o que ali está. Tenho essa relação com a obra. Não mando nela totalmente. Relaciono-me com ela. Ela tem o seu trabalho a realizar e usa-me como eu uso a linguagem para me expressar. Os temas impõem-se. Sou capaz de escrever sobre qualquer coisa que me peçam, mas quando escrevo um romance gosto que ele me apanhe, me capture, que os temas me escolham. Quando comecei a escrever o Caderno não sabia que o livro seria uma carta de amor ao um pai, tal como não percebi, ao longo de A Gorda que aquele relato era sobre força e coragem. A Gorda não é ainda um livro que esteja totalmente explicado para mim, devo dizer.

Revista Espacialidades: Sendo licenciada em Línguas e Literatura Lusófonas, e em sua vida profissional atuando como professora. Como a senhora enxerga a contribuição de sua experiência na docência em seus escritos? E como acredita que suas obras possam influenciar os jovens e novos pesquisadores?

Isabela Figueiredo: Eu não penso a minha obra, apenas a construo. Acabei de revelar que ainda não sei bem o que é “A Gorda”. Pensar uma obra não é um dever do criador, para mim. Penso que isso iria atrapalhar o processo e refrear-me. Não sei como poderei influenciar o outro, mas sei que influencio. Sei que ninguém sai da leitura dos meus livros sem vir sacudido. O choque marca-nos. Eu também sou marcada pelos choques artísticos que tive a sorte de viver. As marcas ajudam-nos a tomar rumo na vida, a descobrir quem somos, a identificarmo-nos com realidades. A crescer. O meu trabalho de análise literária como professora de Literatura ajudou-me imenso a construir a estrutura do romance. Conhecer profundamente as categorias da narrativa nos textos dos outros autores e estudá-las por essa via é um maravilhoso treino. Sobretudo quando é feito sem a pretensão de nos tornarmos escritores, mas apenas a necessidade de ensinar os outros a compreender uma mensagem.

Revista Espacialidades: Nas últimas duas décadas, diversos escritores têm se dedicado a refletir sobre temas como colonialismo, gênero e etnicidade, um exemplo disso é a escritora Chimamanda Adichie. Como a senhora enxerga que esse movimento de escrita reflexiva tem reverberado na sociedade? E na sua visão, por que as buscas por essas temáticas têm crescido nos últimos anos?

Isabela Figueiredo: O mundo mudou nos últimos anos, graças a Deus. Estamos perante uma nova geração que não tolera mais as desigualdades e a enorme violência do mundo antigo em que eu vivi. Que bom! É natural que a busca por essas temáticas cresça. Existe um movimento de causa e efeito que gera resposta na sociedade. Foi sempre assim ao longo da história. Eu penso que Adichie já faz parte dessa geração e o seu papel como modelo, como guia é enorme.

Revista Espacialidades: Isabela Figueiredo, o corpo tem sido objeto de estudo de diversos estudiosos das ciências humanas nas últimas décadas. Autores como Michel Foucault mostraram os poderes investidos sobre o corpo pela sociedade disciplinar, e a necessidade de se questionar esse controle e todo o conjunto de códigos e valores que aprisionam nossa maneira de pensar, ver e dizer a experiência corporal. Qual o papel da literatura, da escrita, para a senhora, dentro desse processo de questionamento dos discursos e práticas que aprisionam e limitam nossas experiências corporais?

Isabela Figueiredo: Qual é o papel da literatura relativamente a qualquer poder, a qualquer sociedade, a qualquer código e valor? Agregá-lo e refleti-lo para que possa ser percebido e questionado. A escrita usa o código escrito, a linguagem para dar ao mundo um corpo singular, que possamos dissecar e observar. A escrita transforma o mundo num *corpus*. Dá-lhe corpo.